

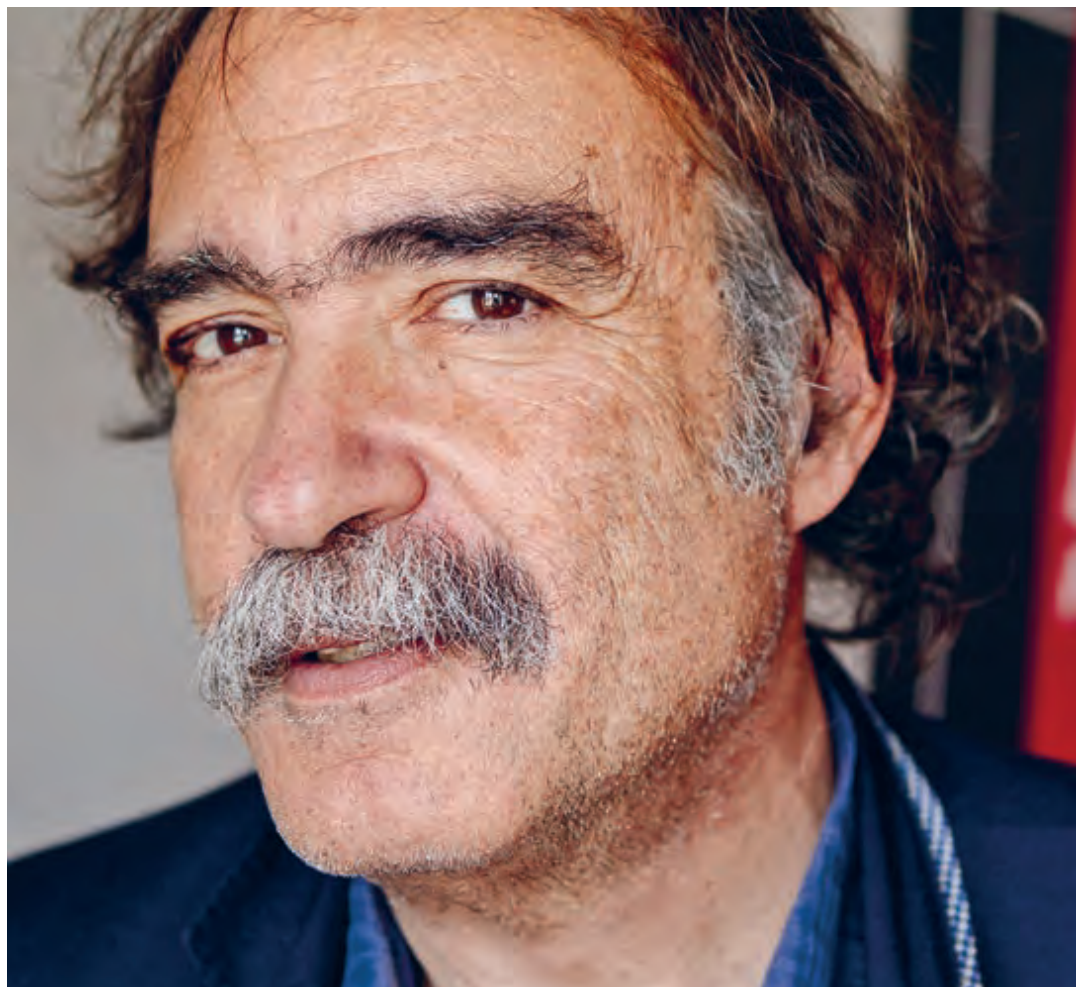
8 E+ Fim-de-Semana

## EVENTO

O produtor Paulo Branco é o director de um certame em que realizadores como Jonathan Demme (em baixo) e Barbet Schroeder (à direita em baixo) vão ser alvo de homenagens e marcar presença.



Tony Gentile / Reuters



# O Festival de Cinema que encanta pela paixão

Entre hoje e dia 15, o Lisbon & Estoril Film Festival convida a encher salas. E, como conta o director do acontecimento, Paulo Branco, “tem o orçamento mais baixo” dos que se organizam por cá. Por Paulo Jorge Pereira | fotografias de Paulo Alexandre Coelho

**P**elas janelas espreitam a incomparável luminosidade e o coração de Lisboa. Ouvem-se os sinos da Sé. No escritório do produtor Paulo Branco, com o castelo de São Jorge ali tão perto, preparou-se a 9ª edição do Lisbon & Estoril Film Festival que, entre hoje e dia 15, volta a entusiasmar público e participantes. “O orçamento é quase o mesmo desde que começou”, explica. “Em termos financeiros há o investimento das câmaras – ao princípio de uma câmara, depois a de Lisboa associou-se – e o total são 500 mil euros. Trata-se de fundos provenientes das taxas dos casinos que vão para o Turismo de Portugal e que este é, por lei, obrigado a reinvestir em parte nos projectos de câmaras que têm os casinos no seu território. O público tem crescido de forma exponencial, porque o Festival se reafir-

ma a cada edição. No ano passado houve cerca de 45 mil pessoas. Além disso, o retorno é também nossa preocupação – é bom não esquecer que a maior parte deste investimento é gasto nas próprias regiões através da maneira como recebemos convidados em hotéis, restaurantes e tudo isso. A parte para estrutura fixa é muito pequena, não pagamos ‘fees’ aos actores internacionais que vêm, nem há gastos externos tirando o acesso aos filmes. O retorno da restauração, dos hotéis e da comunicação social é muito positivo, pois muitos destes convidados voltam porque descobriram a região através do nosso cuidado em oferecer aquilo que é mais fantástico, além da grande oferta cultural do próprio Festival. Com todos estes convites temos o orçamento mais baixo de qualquer outro festival em Portugal.”

O produtor tem a noção de que, deste modo, se cria uma espécie de rede de amigos do País. “Já aumentaram enormemente os amigos de

**“É diferente dos grandes festivais como Cannes, Veneza ou até San Sebastián, até porque aqui há conversas com o público”, diz Paulo Branco**

Portugal e esse é dos melhores investimentos que podem fazer-se: pessoas que falem de como é fantástico vir cá ou residir em Portugal sem que sejam necessárias publicidades pagas. E temos cumprido a nossa função.”

Branco já afirmou que o evento “não é só para mostrar filmes, mas para trazer personalidades do mundo artístico e cultural a promover momentos de reflexão, uma vez que, na sociedade moderna, reflecte-se pouco”. Agora complementa: “Penso que temos ‘master classes’ com grande participação do público e os realizadores têm ficado impressionados. Deixo exemplos: o Abbas Kiarostami costuma fazer conversas de 10 minutos, esteve hora e meia a falar connosco; o James Gray começou perto da meia-noite, estávamos muito cansados e, mesmo assim, aquilo durou duas horas. Há momentos desses a provar a existência dessa apatência. É diferente dos grandes festivais, em Cannes, Veneza ou até San Sebastián não há

**Trazer John Berger, “um dos grandes pensadores mundiais”, à edição deste ano é um dos maiores motivos de orgulho do director**

**É numa espécie de “teoria do caos” que se organiza a ementa artística do Festival em que um elemento pode mudar muito**

conversas com o público, só com a imprensa. Vêm para ter disponibilidade para o público, partilhamos e também resguardamos, a partir de certo nível, da pressão mediática. Além disso, há também a importância dos encontros entre eles – o DeLillo e o Coetzee não se viam há anos; Coppola e Cronenberg tinham inclusive um passado entre eles. Tudo isto confere originalidade ao Festival.”

Indicar como se constrói a ementa artística é entrar numa espiral de paixão. “Decidimos aos poucos, numa espécie de teoria do caos. Um elemento pode trazer imensas transformações, estabelecendo-se pontes e afinidades. Por exemplo, descobri que a Bulle Ogier estava em cerca de 10 dos filmes deste Festival e trazê-la tornou-se também uma forma de homenagem. A presença do John Berger é muito especial – e estou extremamente orgulhoso por conseguir trazê-lo a Portugal, pois, apesar de pouco conhecido do grande público, é um dos grandes pensadores mundiais, muitas vezes conotado com a esquerda europeia. Trata-se de um pensamento que atravessou todas as formas artísticas, tem um dos livros mais estimados sobre pintura nas universidades americanas e inglesas, foi argumentista de alguns filmes míticos como ‘A Salamandra’, do Tanner e, da última vez que apareceu em público para algumas leituras, registou uma enchente de quatro mil pessoas à sua volta. Andava há muito tempo a tentar trazê-lo e foi por intermédio de vários amigos que conseguimos finalmente concretizar esse anseio.”

#### Atração internacional

“Pretendemos uma certa originalidade e duvidamos que algum festival, além de Cannes, Veneza

ou Berlim, tenha um grupo de cineastas como aquele que reunimos este ano”, confessa. Depois deixa pistas sobre a dimensão internacional do evento: “O director do Festival de Deauville e de Marraquexe confessava-me estar impressionadíssimo com o que conseguimos. Há pessoas que aqui estiveram no júri e, anos mais tarde, tiveram maior notoriedade como Alexandre Desplat que chegou a Veneza, foi presidente do júri em Cannes e ganhou o Óscar; ou o filme da Kathryn Bigelow que iria ganhar quatro Óscares (Estado de Guerra) passou aqui um ano e pouco antes da cerimónia – só tinha passado em Veneza, ela permitiu que o passássemos aqui, trouxemos o actor, Anthony Mackie, e ela ficou extremamente sensibilizada. As pessoas começam a olhar para o nosso Festival e, no ano passado, tivemos cá o Thierry Frémaux, director de Cannes. Este ano, estive com ele em Lyon e disse-me: ‘Ó Paulo, eu tenho de ir! Não sei ainda em que datas, mas tenho de ir!’ Ter os directores dos grandes festivais a olhar para nós é já um sintoma de reconhecimento.”

Havendo paixão do lado de quem vem e de quem recebe, pode esse elemento ser também identificado no público? “Claro! Sou contra as borlas, pois penso que os espectadores devem manifestar interesse em descobrir e ver, não é só passar por lá como turista, até porque os bilhetes são muito mais baratos que noutros festivais. Em Toronto paga-se quase 30 euros por cada bilhete e têm salas cheias! Aqui isso é possível para um Rock in Rio, mas não é o que pretendemos. Queremos um gesto e diálogo com pessoas de facto interessadas e não que entrem nos últimos 10 minutos para ver A, B ou C.”

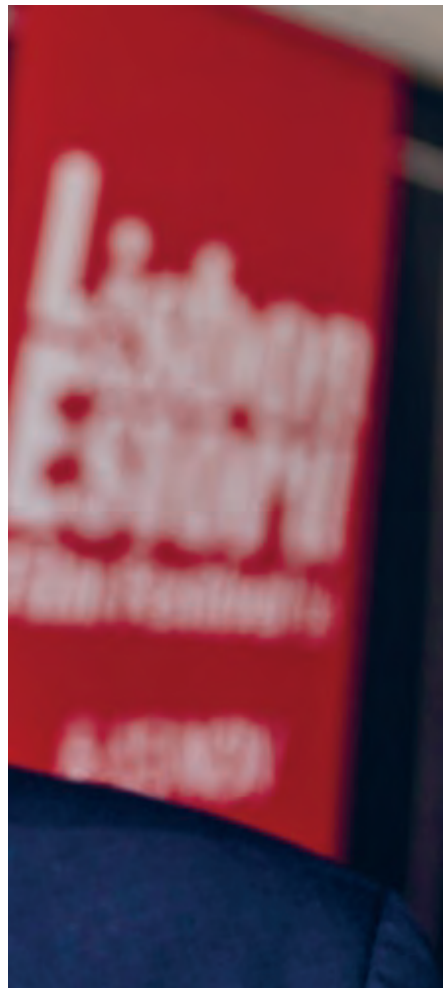
Entretanto, as salas registaram melhoria no número de espectadores, mas Branco é cuida-

Wim Wenders e João Salaviza são dois dos convidados no elenco de luxo do Lisbon & Estoril Film Festival (LEFFEST) que arranca hoje e se prolonga até domingo em várias salas da capital e dos arredores.



#### MOMENTOS

“Não posso esquecer que, na 1ª edição, tivemos o ‘happening’ da vinda do David Lynch; lembro-me de uma sessão de leitura com quatro dos melhores escritores mundiais – John Coetzee, Paul Auster, Don DeLillo e Siri Hustvedt, um dos momentos únicos do Festival; a presença de Lou Reed durante cinco ou seis dias, alguém que era considerado insuportável e que teve aqui uma simpatia e um contacto fácil com o público e com a própria comunicação social. Penso mesmo que saiu daqui muito sensibilizado e a proximidade que mantemos com a Laurie Anderson tem a ver com o acolhimento ao Lou Reed, pois ela tem essa ideia de preferência em relação a nós.”



Paulo Alexandre Coimbra



Mark Ross / Reuters

Paulo Alexandre Coimbra



10 E+ Fim-de-Semana

Sexta-feira, 6 de Novembro 2015

do: “É preciso ver em que filmes é que se dá esse regresso, pois a análise global de fenómenos dessa natureza por vezes engana. Estamos todos a trabalhar para o mesmo (e por isso estou muito contente que seja a NOS o parceiro deste Festival), há todo um trabalho para um Cinema que escapa às sequelas ou filmes de terror e exige outro tipo de adesão do público. Estou curioso com aquilo que vai acontecer com o filme do Spielberg, mas gostaria que, sendo o grande cineasta que é, tivesse enorme adesão. Tenho estado mais atento à programação das salas, procurando criar debates, discussões e trazer convidados, chamando à atenção de outro tipo de públicos.”

Quanto ao modo como se tem relacionado, ao longo dos anos, com personalidades especiais da 7ª Arte, Branco estabelece pontos de comparação. “Isto é fruto da minha curiosidade e interesse, uma espécie de ciúme dos criadores e, no fundo, a tentativa de conhecer e perceber a sua obra. O importante é o prazer que a

fruição das obras e da Cultura nos traz. Não se pode, de um dia para o outro, gostar de uma obra de Schönberg, mas é possível começar no Mozart, passar por Beethoven, voltar ao Bach e, enfim, chegar a Schönberg. No Cinema é o mesmo: ninguém pode perceber a importância de Godard ou de Orson Welles sem conhecer a História do Cinema e, infelizmente, já ninguém conhece essa História nos jovens cineastas.” E lamenta: “As apreciações que são feitas são todas falsas e até mesmo os críticos não sabem julgar bem o Cinema actual. Quanto aos públicos, há uma quebra nessa relação com os espectadores porque os próprios meios de comunicação reduziram o espaço para tudo o que tem a ver com a Cultura. O lado didáctico que, a certa altura, Rossellini sonhou para a televisão, desapareceu. Todas as televisões – todas, públicas e privadas – seguem o padrão Berlusconi e isso dizia-me o Tabucchi há 20 anos: ‘Pensam que Berlusconi é um fenómeno só italiano e estão enganados.’ Todos esses meios deviam estar ao



### De Berger a Moretti

O Festival distribui-se por espaços que vão do Casino Estoril ao Museu da Água, passando ainda por Monumental, Nimas, Teatro Nacional D. Maria II, Casa das Histórias Paula Rego, CCB, Centro Cultural de Cascais e Cinemateca. Entre “140 filmes, espectáculos, exposições, encontros com grandes nomes do Cinema e muito mais”, há homenagens e competição. E convidados de luxo – de John Berger a Nanni Moretti [na foto], sem esquecer Barbet Schroeder, Wim Wenders, Jonathan Demme ou Luís Miguel Cintra. A fechar, após os prémios, o Grande Auditório do Centro Cultural de Belém servirá como cenário para a ante-estreia do mais recente filme de Terrence Malick, “Cavaleiro de Copas” [Bale e Portman, dois dos protagonistas, na imagem à esquerda].

serviço da civilização e, pelo contrário, o que acontece é que servem-se deles, querem fazer efeitos e o espaço passa a ser acessório. É lógico que os espectadores passam a ter mais dificuldades de ter o conhecimento e fazer o próprio trajecto nos seus gostos.”

Sobre uma fórmula de defesa do Cinema sublinha: “Cada um de nós tem responsabilidades e assumo as minhas, tentando colaborar na produção e divulgação do Cinema que considero importante, mas também me engano muitas vezes.” Como no fecho de salas? “São fruto de situações que talvez eu próprio tenha criado. Havia duas vias: ter posição no mercado que me desse liberdade total, não pondo em perigo a minha actividade como exibidor e falhei com a questão dos ‘multiplexes’; o público mudou e, para aqueles filmes independentes que gosto de vender, seria importante não estar tão disperso. Além disso, entrámos numa época neo-liberal, levando a que a preocupação com a existência dos espaços da parte dos proprietários deixasse de existir. Só espero que a venda do Monumental a um fundo especulativo imobiliário não traga situações complicadas, embora aquele espaço de cinemas não possa ser alterado. E creio que o fundo ainda não deu por isso...”

O tom crítico ganha ênfase se o tema é Cinema e Cultura no actual panorama político em Portugal: “Só espero que os cidadãos portugueses sejam respeitados e creio que não estão a sê-lo por quem deveria respeitar toda a gente, o presidente da República, algo que considero inadmissível. Eu, como cidadão, sinto-me insultado.”

Por fim, enquanto o metal dos eléctricos canta sobre os carris a descer das Portas do Sol, o assunto final: reforma? “Não posso reformar-me [risos] e aprendi isso, por exemplo, com Manoel de Oliveira. Mas a vida tem surpresas no dia-a-dia, as forças podem acabar, não sei o que me reserva o futuro.”



### FINAL

“Malick é um dos maiores cineastas, tive a sorte de jantar com ele há pouco tempo, estivemos juntos durante três a quatro horas e penso que, em breve, virá a Portugal. Disse-lhe: ‘Para ti o Festival é o ano todo! No dia em que possas vir, o Festival abre as portas com uma sessão especial!’ Também aqui agradeço à NOS por apostar no filme de fecho, é numa grande sala, o CCB, e gostaria que o filme tivesse reacção à altura da obra do Malick.”

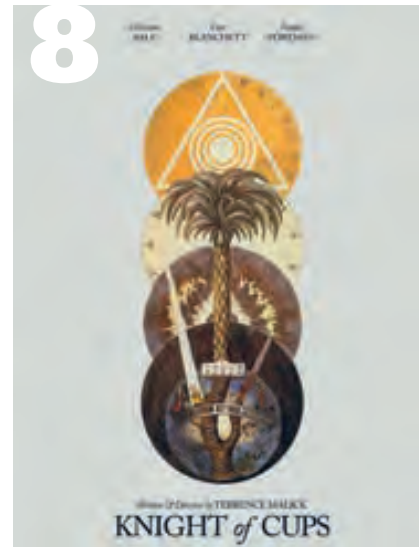


Benoit Tessier / Reuters

### AMIZADES

“Criei relações de amizade profunda com Catherine Deneuve, Isabelle Hupert, Miquel Barceló ou John Malkovich [da esquerda para a direita a partir de cima], mas também Don DeLillo, Paul Auster [foto à esquerda] ou Bernardo Bertolucci. São apenas alguns exemplos de artistas com quem tenho maior proximidade. Com a Susan Sontag e a Marguerite Duras também estabeleci relação e só estou a falar daqueles que o público conhece mais.”





A 9<sup>a</sup> edição do Lisbon & Estoril Film Festival arranca hoje. Paulo Branco, o director, evoca nomes e obras que vão marcar três dias de Cinema e reflexão [na foto o cartaz do filme “O Cavaleiro de Copas”, do realizador Terrence Malick, cuja obra encerra o Festival]. Um trabalho de Paulo Jorge Pereira para ler a partir da página **8**



**CINEMA**

Conheça os melhores  
trunfos do Lisbon &  
Estoril Film Festival  
que arranca hoje